

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

ISLANE RAFAELLE RODRIGUES FRANÇA

***MEMES: DO ESPAÇO MIDIÁTICO ÀS PRÁTICAS ORAIS EM SALA DE
AULA***

MACEIÓ- AL

2017

ISLANE RAFAELLE RODRIGUES FRANÇA

**MEMES: DO ESPAÇO MIDIÁTICO ÀS PRÁTICAS ORAIS EM SALA DE
AULA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção de grau no curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Maria Diniz Zozoli

MACEIÓ- AL

2017

Dedicatória

A Deus, por guiar meus passos e me dar forças no decorrer da minha trajetória. Sou eternamente grata a Ele por todas as bênçãos recebidas.

Aos meus pais, razão da minha vida e de todos os meus esforços, pelo amor e pelo apoio em todos os momentos.

Ao meu irmão, por quem tenho profunda admiração, pelo incentivo e por sempre acreditar em mim.

A minha tia Avaní, pessoa que teve participação especial em minha formação.

Aos demais familiares, que de alguma forma contribuíram com minha formação acadêmica.

As minhas amigas Karen e Fransuelly, pela parceria nos projetos de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Alagoas, por ter aberto as portas e me proporcionado o contato com a pluralidade e o debate de ideias;

À Faculdade de Letras, por ter sido minha segunda casa durante esses anos de graduação;

Ao CNPq e a Fapeal por concederem bolsas de pesquisas e extensão durante o tempo que estive na Universidade;

Ao corpo docente da Faculdade de Letras, pelo conhecimento compartilhado;

À professora Rita Zozzoli, por ter acompanhado os meus passos desde o início da graduação, incentivando e contribuindo para minha formação como docente.

RESUMO

Com a popularização das mídias, a acessibilidade às novas informações tem ficado cada vez mais viável. Diante disso, é muito comum percebermos como algumas expressões, que em algum tempo estiveram em evidência nas mídias, acabam sendo lançadas nas redes sociais e conseqüentemente passam a integrar o discurso de algumas pessoas. Essas expressões, seja no modo de falar, nos gestos, ou no modo de vestir, que são copiadas de pessoa para pessoa e repercutem no meio social, são chamadas de *memes* (DAWKINS, 1976). Nesse sentido, podemos dizer, de modo especial, que os jovens estão mais integrados a essas novidades, visto que, dentre outras razões, se supõe que eles passam mais tempo conectados às redes, local onde os *memes* repercutem de maneira mais intensa. Compreendendo esse contexto e inserida no escopo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2013), esta pesquisa pretendeu identificar em uma turma de 2º ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Maceió, se os jovens levam os *memes* para as interações orais no contexto de sala de aula. Como base teórica, foram utilizados autores como Dawkins (1976), no que diz respeito ao conceito de *memes*, Bakhtin (2011; 2014) no que se refere à noção de gêneros do discurso e Zozzoli (2015) como base para reflexões acerca da noção de produção ativa. No que toca a metodologia, seguindo a perspectiva da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (LÚDKE E ANDRÉ, 2012), neste trabalho, foram utilizados como instrumentos: notas de campo, em relação ao discurso principal de sala de aula, e entrevistas com alunos voluntários. Desse modo, a partir das análises das interações orais, percebeu-se que os *memes*, que foram objetos de estudo, se apresentam nas interações orais dos alunos no contexto de sala de aula, e, que, inclusive, eles puderam ser identificados, também, na fala da professora.

Palavras- chave: Interação oral. Memes. Sala de aula

ABSTRACT

With the media popularization, the accessibility to new information has been more and more viable. Therefore, it is very common to perceive how some expressions, which at one time were in evidence in the media, end up being launched in social media and consequently come to integrate the speech of some people. These expressions, either in the way of speaking, in the gestures, or either in the dress mode, that are copied from person to person and reverberate in the social environment, are called memes (DAWKINS, 1976). Thus, it can be said, in a special manner, that young people are more integrated to these news, since, among other reasons, it is supposed that they spend more time connected to the media, which is the place where the memes reverberate in a more intensive way. Comprehending this context and inserted in the scope of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2013), this research intended to identify, in a public school second grade classroom located in Maceió city, if the young take the memes to the oral interactions in a classroom context. As theoretical basis, were used authors like Dawkins (1976), with regard to the concept of memes, Bakhtin (2011; 2014), on what concern to the genres of the discourse notions and Zozzoli (2015) as basis to reflections about the notion of active production. Regarding the methodology, following the perspective of a qualitative research of an ethnographic nature (LÜDKE E ANDRÉ, 2012), in this work, we used as tools: camp notes, in relation to to the classroom main discourse, and interviews with volunteer students. Therefore, from the oral interactions analysis, it was noticed that the memes, that were objects of study, are present in the oral interactions of the students in the classroom context, and, moreover, they could be identified, as well, in the teacher' speech.

Keywords: Oral interaction. Memes. Classroom

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de <i>meme</i> compondo o gênero tirinha	16
Figura 2 – Exemplo de <i>blog</i> que criou <i>playlist</i> para “sambar na cara da sociedade”	21
Figura 3 – Exemplo de evento criado em rede social para “sambar na cara da sociedade”	21
Figura 4 – Exemplo de imagem que faz alusão à expressão “sambar na cara da sociedade”	22
Figuras 5 e 6 – Exemplos do <i>meme</i> “arrasou” materializados nos ciberespaços	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.BASE TEÓRICA E CONCEITUAL	11
1.1 Memes: mediadores de interação	12
1.2 Memes: fenômeno de comunicação verbal e/ou não-verbal.....	14
2. METODOLOGIA.....	17
3. MEMES: ENTRE ALUNOS E PROFESSOR.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Estamos inseridos em uma sociedade que vem sendo marcada pelo desenvolvimento tecnológico, que abre cada vez mais espaço para que a mídia se popularize entre as pessoas tornando mais simples a acessibilidade às novas informações.

Diante disso, não é preciso ir muito longe para percebermos como as músicas; propagandas; personagens - com características peculiares - de filmes e novelas e até trechos de livros *best sellers* em pouco tempo caem na boca do povo quando são lançados nas mídias.

“Beijinho no ombro pro recalque passar longe”; “Sabe de nada inocente”; “Veio todo mundo, menos a Luiza que está no Canadá” e “Choquei, fiquei rosa chiclete” são exemplos de algumas expressões retiradas de músicas, propagandas e personagens respectivamente, que em determinados momentos estiveram em evidência nas mídias e por consequência acabaram integrando o discurso de grande parte das pessoas.

Sobre essas expressões, Blackmore (2008) explica que as informações que copiamos de pessoa para pessoa por imitação, pela linguagem, falando, contando histórias, vestindo roupas ou fazendo coisas, foi denominada como *meme* por Richard Dawkins. *Meme*, na verdade, seria a abreviação da palavra grega ‘mimeme’ que significa ‘o que é imitado’.

Trazendo essa questão para o plano discursivo, e considerando que a língua é o reflexo das relações sociais dos falantes conforme a época, grupos sociais ou contextos com objetivos específicos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014), pode-se dizer que o nosso discurso é pleno de palavras dos outros (BAKHTIN, 2011), ou seja, apreendemos o discurso alheio e mesmo sem nos darmos conta o reproduzimos. No caso dos *memes*, eles seriam, justamente, esse discurso já citado que nasce no diálogo social¹ (BAKHTIN, 1998), se replica nos mais diversos veículos de comunicação e integram os discursos dos sujeitos.

É considerável destacar que, de modo particular, esses *memes* se fazem mais presentes nos discursos dos jovens, visto que essa faixa etária está conectada por mais tempo às redes sociais e aos *ciberespaços*, que são os meios midiáticos onde as informações se disseminam de forma mais rápida e dinâmica. Inclusive, uma pesquisa

¹ Seria o enunciado existente surgido de maneira significativa em um determinado momento social e histórico que toca os milhares de fios dialógicos existentes tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação. (BAKHTIN, 1998)

anual realizada em 2015, com crianças e adolescentes usuários de Internet com idades entre 9 e 17 anos, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), revelou que 81% dos entrevistados acessam a Internet todos os dias ou quase todos os dias. (CETIC,2015).

Partindo dessas considerações e inserida no âmbito da Linguística Aplicada, esta pesquisa pretendeu identificar se os jovens também levam essas expressões para as interações orais no contexto de sala de aula, uma vez que seria esse o espaço no qual eles passariam boa parte do tempo.

Nesse sentido, objetivamos, em geral, analisar a presença dos *memes* nas práticas orais dos alunos na sala de aula de Língua Portuguesa e, especificamente, objetivamos identificar e analisar como os *memes* aparecem nas práticas orais dos jovens; observar qual o repertório de *memes* mais utilizados; verificar em quais situações de interação os *memes* são escolhidos e analisar como a professora age em relação a esses *memes*.

Por se tratar de uma pesquisa cuja abordagem é qualitativa, não trabalhamos com hipóteses a serem testadas, mas sim com questões que norteadoras. Tais quais:

- 1- Os *memes* estão presentes nas práticas orais dos alunos na sala de aula?
- 2- Há *memes* específicos que eles repetem nas práticas orais? Ou são *memes* diferentes?
- 3- Em quais situações de práticas orais os alunos costumam utilizar algum *meme*?
- 4- Como a professora considera (ou não) esses *memes*?

Dividida em 7 partes, esta pesquisa conta com base teórica conceitual, a fim de apresentar os conceitos e referenciais teóricos que serviram de base para as reflexões; conta também com 2 capítulos, os quais trazem à tona discussões acerca dos *memes* e dos gêneros do discurso, além disso, traz a metodologia adotada e ao final, apresenta os resultados obtidos e as últimas considerações.

É importante ressaltar, por fim, que essa investigação iniciou-se vinculada a um projeto maior intitulado “Articulação entre gêneros, suportes e veículos no discurso da mídia e do ensino e aprendizagem”, coordenado pela orientadora Rita Maria Diniz Zozzoli e financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

1. BASE TEÓRICA E CONCEITUAL

Considerando inicialmente o *meme* propriamente dito, para defini-lo, nos apoiamos nos conceitos do autor da teoria da memética Dawkins (1976), o qual, ao considerar o *meme* como unidade da transmissão cultural, explica que eles são replicadores de informações e que as pessoas se utilizam dele para sobreviver socialmente.

Reportando, agora, nosso foco ao viés linguístico-discursivo, como a proposta foi analisar se/como os *memes* aparecem nas interações orais no contexto de sala de aula, este estudo foi desenvolvido tomando como base conceitos bakhtinianos e de autores que seguem a mesma tendência teórica.

Nesta pesquisa, trabalhamos com a noção de gênero proposta por Bakhtin (2011), para mostrar, a partir desse conceito, que o *meme* ultrapassa as fronteiras do puramente linguístico e das delimitações genéricas, mesmo que pareça manter vínculos com determinados gêneros (questão que não será aprofundada nesta pesquisa). Nesse sentido, o *meme* foi reconhecido aqui como um fenômeno de comunicação verbal e/ou não verbal.

Além disso, também levamos em conta a noção do *discurso de outrem* postulado por Bakhtin (2011,2014), visto que os *memes* orais e escritos, podem ser vistos como uma voz alheia que compõe o discurso dos sujeitos, uma vez que de acordo com a metáfora de Adão postulada por Bakhtin (2011), ninguém fala nada pela primeira vez; na verdade o sujeito repete algo que já foi falado por alguém em outro momento. Ou seja, “o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos.” (BAKHTIN, 2011, p. 300).

Por fim, considerando que a proposta da pesquisa foi trabalhar com a presença dos *memes* nas práticas discursivas dos alunos e sabendo que nesse processo de interação verbal² o sujeito, ao compreender, responde ativamente ao enunciado, foi pertinente apoiar nossas reflexões no conceito de compreensão responsiva ativa (BAKHTIN,2011), e na extensão desse conceito postulada por Zozzoli (2012),e denominada como *Produção responsiva ativa*.

² De acordo com Bakhtin (2014), o fenômeno social da interação verbal, realizado por meio das enunciações, constitui a realidade fundamental da língua. Além disso, ele ainda considera que o diálogo, no sentido estrito do termo, constitui uma das formas mais importantes da interação verbal.

1.1 Memes: mediadores de interação

De acordo com Dawkins (1976), o *meme* seria uma espécie de replicador de informações, uma unidade de transmissão cultural ou unidade de imitação. Dentro dessa visão ele o compara ao gene justificando que:

Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os *memes* propagam-se no "fundo" de *memes* pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. (DAWKINS, 1976, p. 148)

Nesse sentido, de forma sucinta, pode-se compreender que os *memes* se replicam pela imitação. Expressões, modas do vestuário, ideias, "*slogans*", teorias científicas, ações e gestos, por exemplo, se tornam *memes* quando começam a ser reproduzidos por grupos de pessoas (DAWKINS, 1976).

Ainda do ponto de vista de Dawkins (1976), os sujeitos se utilizam dos *memes* para “sobreviver socialmente”, ou seja, eles são sinônimos de inclusão, visto que para se integrar a uma determinada comunidade ou grupo há pessoas que acabam por copiar gestos, costumes e/ou repetir expressões, como já mencionado acima.

Em outros termos, poderíamos dizer, também, que os *memes* atendem às necessidades de comunicação das pessoas, já que em suas formas orais e escritas servem como uma ponte comunicativa entre sujeitos. No caso dos *memes* orais que se viralizam nas mídias, por exemplo, durante um diálogo, às vezes, mesmo sem se dar conta, as pessoas acabam trazendo em seus discursos certas expressões já citadas por outros sujeitos em outros momentos e que estão em evidência como uma forma de comunicar e ao mesmo tempo mostrar que estão a par da “linguagem que está na moda”.

Do ponto de vista linguístico essas “expressões já citadas”, nos reportam à noção do *discurso de outrem* postulado por Bakhtin (2011,2014), o qual considera que o “nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) são plenos de palavras dos outros [...]. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.” (BAKHTIN, 2011, p.271). Vistos por esse prisma, os *memes* orais e escritos, seriam justamente esse discurso já citado do outro, que ao ser repetido, leva consigo a subjetividade individual do falante.

Retornando às considerações de Dawkins (1976), recordemos agora a situação abaixo:

Em 2014, uma doença até então sem cura, deu origem ao “desafio do balde de gelo”. Uma campanha nos EUA desafiou qualquer um a jogar um balde de água gelada na cabeça ou doar US\$ 100 para uma organização sem fins lucrativos, a ALS Association, que tem como objetivo arrecadar fundos para pesquisa e ajudar pacientes com esclerose lateral amiotrófica.

As pessoas que aceitassem o desafio deveriam postar o “banho” nas redes sociais. Os americanos Bill Gates e Mark Zuckerberg aceitaram o desafio e abriram as portas para que a campanha ganhasse grandes proporções nas redes sociais. Em poucos dias, pessoas de várias partes do mundo todo abraçaram a ideia da campanha. Porém, a ideia viralizou tanto que muitas pessoas faziam sem ao menos saber qual era a finalidade, só pelo fato de imitar o que estava em evidência. Após um determinado tempo, o desafio foi perdendo a visibilidade até deixar de ser compartilhado.

Em 2016, foi confirmado que esse desafio arrecadou dinheiro suficiente para o financiamento da pesquisa e que o gene ligado à doença foi descoberto.

(Notícia parafraseada a partir dos sites: BBC Brasil e G1 Globo)

Observemos que um fato social acabou se tornando a base para a replicação de um *meme* – no caso, o fato de várias pessoas jogarem o balde de gelo na cabeça –. Além disso, esse fato também reporta o nosso olhar para a questão do “tempo de vida” do *meme*, uma vez que Dawkins (1976), explica que há *memes* que, a depender da aceitação do público³, conseguem permanecer em evidência por mais tempo do que outros.

No caso do fato citado acima, o tempo de sobrevivência do *meme* provavelmente não foi mais longo por se tratar de um fato que tinha um objetivo. Como o objetivo foi alcançado, uma possibilidade de interpretação seria pensar que obviamente não haveria mais a necessidade do *meme* continuar “vivo”.

³ Do ponto de vista linguístico, podemos dizer que esse “público” é o que Bakhtin/Volochinov (2014) chamam de “auditório social”, ou seja são as pessoas que recebem e leem os enunciados mesmo que não sejam destinados a elas. No caso do balde de gelo, o auditório social foram todas as pessoas que tiveram acesso ao desafio, independente de terem acatado ou não.

Outra questão que merece ser destacada, por fim, é que esse fato nos dá margem para quebrarmos a ideia, muitas vezes engessada, de que *memes* são apenas expressões oralizadas ou escritas. Pensando por esse prisma, poderíamos encontrar caminhos de interpretação para a nossa inquietação, já lançada desde o início deste trabalho, ao supor que seria por esse motivo, talvez, que muitos classificam os *memes* como gêneros, quando na verdade eles ultrapassam o puramente linguístico e chegam, também, a ser algo cultural e social.

1.2 *Memes*: fenômeno de comunicação verbal e/ou não-verbal

É muito comum vermos em alguns trabalhos os *memes* serem tratados como gêneros. Os trabalhos de Passos (2012) e de Lisboa (2015) são exemplos disso. Porém, quando nos debruçamos sobre a noção de gênero, mais especificamente do ponto de vista bakhtiniano, apesar da flexibilidade da perspectiva que o autor traz, ao colocarmos lado a lado com o conceito de *meme*, proposto por Dawkins (1976), pai da teoria da memética, foi possível percebermos que os *memes* ultrapassam as fronteiras da definição de gênero.

A ideia mais geral que ainda se tem a respeito dos gêneros é possivelmente a mais comum, uma vez que boa parte das pessoas ainda costuma associá-los a uma categoria fechada de características desconsiderando sua flexibilidade e conexão com os fatos sociais. Entretanto,

A definição de gênero como um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção dos sentidos. Ignora as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. (BEZERMAN, 2006, p. 31)

Assim, os gêneros do discurso são incontáveis, e o tempo todo nos utilizamos de algum deles para efetuarmos uma prática sóciodiscursiva. De acordo com Bakhtin (2011), os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, que precisam ser constituídos por um estilo, um conteúdo temático e uma construção composicional⁴. Isto

⁴ No tocante à composição do gênero, Bakhtin considera 3 elementos básicos: o estilo, o tema e a construção composicional. Sobre o estilo, Bakhtin (2011) afirma que todo enunciado oral ou escrito é individual e por isso pode refletir o estilo individual de quem o escreve. Porém, o autor reitera que em gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada como documentos oficiais, por exemplo, os reflexos da individualidade da linguagem não estão presentes. Com relação ao tema, Bakhtin (2011) considera que quando um sujeito tem a intenção de falar algo, ele leva em consideração um tema - aquilo sobre o que se fala-, já que a escolha dos gêneros do discurso é determinada por um dado conteúdo

é, determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Bakhtin (2011) ainda explica que dispomos de um rico repertório de gêneros orais e escritos e nós os empregamos de forma segura, mesmo sem conhecê-los em termos teóricos, ou seja, eles são utilizados todas as vezes que estamos inseridos em alguma situação comunicativa.

Dito de outro modo, podemos considerar que em qualquer esfera da atividade humana selecionamos um gênero que melhor se adapta às nossas intenções discursivas e às necessidades temáticas (BAKHTIN, 2011). Seja no bilhete deixado na porta da geladeira, seja nas postagens feitas nas redes sociais ou até mesmo nas piadas que contamos para os nossos amigos, os gêneros estão presentes, trabalhando a serviço da comunicação e da linguagem, uma vez que, segundo Marcuschi (2008), cada gênero tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação.

Do ponto de vista bakhtiniano, podemos dizer que toda forma de comunicação, seja ela verbal ou não verbal, exige um gênero textual, e assim sendo, os gêneros são incontáveis e não podemos restringi-los à oralidade e a escrita. Da mesma forma, inserir o *meme* nesse campo do oral e do escrito é restringir sua natureza, uma vez que Dawkins (1976) compreende *memes* como replicadores de informação cultural, seja no que diz respeito à linguagem, à vestimenta, costume ou ações.

Assim, diante dessa dimensão de *memes* apresentada por Dawkins (1976), consideramos coerente defender a ideia de que os *memes* seriam “fenômenos de comunicação verbal e/ou não-verbal” e que os gêneros possibilitariam sua inserção na comunicação ao aceitarem que eles façam parte da sua construção composicional. Porém, é válido ressaltar que há gêneros menos flexíveis que outros, logo os *memes* só se integram a determinados gêneros com determinadas composições em determinados contextos situacionais.

semântico-objetual. Por fim, no que diz respeito à construção composicional, o autor postula que ela seria justamente a composição do discurso, a sequência lógica que ele segue e como se organiza.

Para facilitar nossa compreensão, podemos refletir sobre a tirinha abaixo:



(Figura 1: Exemplo de *meme* compondo o gênero tirinha. Fonte: Ocoala.com)

Como podemos perceber, estamos diante de uma tirinha a qual se enquadra no âmbito dos gêneros justamente por atender as características já postas acima. Compondo essa tirinha, foi introduzido o enunciado “Para a nossa alegriaaa”, que foi uma expressão oriunda da letra de uma música gospel, interpretada por um casal de irmãos. A forma como a letra da música foi interpretada pelo casal acabou se tornando *meme*, podendo ser encontrada não só em forma de tirinhas como também em *posts*, *hashtags*, vídeos, áudios e na conversação cotidiana; enfim, ela viralizou por meio de diferentes gêneros, circulou em diversas redes sociais e isso nos dá margem para argumentar que o *meme* pode fazer parte da composição de vários gêneros (no caso, a tirinha seria o gênero e o enunciado “Para a nossa alegria” seria o *meme*).

Porém, cabe ressaltar aqui, que como dissemos acima, há gêneros que não são tão flexíveis; logo, apesar do leque de possibilidades que tínhamos de aplicar esse *meme* em diferente situações e contextos, é importante levar em conta que não poderíamos empregá-lo, por exemplo, em uma produção textual cujo gênero fosse redação científica, visto que a composição, o tema, enfim, própria estrutura e objetivos acabam sendo incompatíveis com ele.

2. METODOLOGIA

Fazer uma reflexão sobre as práticas sociais da linguagem ultrapassa o nível de estudo puramente linguístico. Nesse sentido, essa pesquisa, situa-se de acordo com o paradigma que defende a relação da língua com a sociedade e se insere na área de estudos da Linguística Aplicada. Esta área, a partir de um ponto de vista contemporâneo (MOITA LOPES, 2013), é tida como uma área que tem algo a dizer à vida social a partir de um viés interpretativista, transdisciplinar e processual. Por isso, inclusive, não podemos só identificar e analisar o que está fixo nos dados (viés descritivista), mas interpretar as ações e os sentidos presentes no processo.

Dentro desse campo, esse estudo seguiu a perspectiva da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (LÜDKE E ANDRÉ, 2012). É importante salientar que a abordagem qualitativa se caracteriza por adotar multimétodos de investigação para estudar detalhadamente um determinado fenômeno dentro do ambiente natural em que ocorre. Além disso, “ela supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo” (BOGDAN E BIKLEN *apud* ANDRÉ 2012, p.11). Já no tocante à questão da etnografia, vale ressaltar que além de combinar vários métodos de coleta, também visa a compreender e a interpretar os dados levantados.

Como já foi mencionado, esse TCC é a extensão de uma investigação que se iniciou a partir de uma pesquisa no quadro do PIBIC, a qual estava vinculada a um projeto maior intitulado “Articulação entre gêneros, suportes e veículos no discurso da mídia e do ensino e aprendizagem”, coordenado pela orientadora prof^{ra}. Rita Maria Diniz Zozzoli.

A pesquisa do PIBIC foi dividida em duas etapas. Inicialmente o objetivo foi identificar se o Internetês - linguagem própria da internet – influenciava a escrita dos alunos no contexto de sala de aula e como o professor agia diante desse processo. Durante esse período de observação foi possível perceber, também, que os *memes* apareciam no repertório discursivo dos alunos, todavia, como esse não era o objetivo naquele momento, consideramos mais coerente concluir a proposta a priori enfocada para só depois iniciar uma nova investigação focalizando os *memes*.

Seguindo essa linha de raciocínio, após a conclusão da primeira fase da pesquisa, submetemos outra proposta, com a finalidade de analisar se/ de que forma os *memes*

apareciam nas interações orais dos alunos no contexto de sala de aula e como o professor se relacionava com esses *memes*.

Essa nova etapa da investigação ocorreu em um período de 4 meses no ano de 2015, durante os quais foram coletados dados através de observações de aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente, em uma escola pública na cidade de Maceió, em uma turma de 2º ano do ensino médio que tem alunos na faixa etária de 16-18 anos. Salientamos que a técnica da observação, segundo Lüdke e André (2012), ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional, visto que usada como principal método ou aliada a outras formas de coleta, possibilita o contato estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

Como instrumentos foram utilizadas notas de campo, a fim de se obter um registro descritivo tanto da parte física e estrutural do ambiente, quanto dos fatos observados. Também foram feitas gravações das conversas paralelas, a fim de perceber se apareciam elementos, e no caso afirmativo, de que forma aparecem em conversas espontâneas; e por fim, foram feitas entrevistas com alunos voluntários. Vale ressaltar que as entrevistas não tiveram como objetivo fundamental obter especificamente respostas para as perguntas. Elas funcionaram como um método indireto e complementar de investigação, cujo intuito principal foi o de perceber se os *memes* apareciam no plano dialogal discursivo dos alunos em outra situação discursiva fora do contexto das aulas, por exemplo. Inclusive, as entrevistas se sucederam na hora do intervalo, no pátio da escola.

Nesse sentido, as entrevistas se classificaram como “Entrevista com conversas informais” a qual segundo Gray (2012, p. 302) “se baseia em uma geração espontânea de perguntas à medida que a entrevista avança.” De acordo com o autor essa é a forma mais aberta de técnica de entrevista, tanto é que o roteiro da entrevista foi elaborado com perguntas que tiveram como temas assuntos de interesse dos alunos, assuntos esses que foram perceptíveis a partir das observações durante as aulas.

Por fim, após o levantamento das informações, o qual aconteceu concomitante à leitura da base teórica e conceitual, os dados foram selecionados e a partir dos pontos de maior relevância foram feitas reflexões, as quais serão apresentadas mais adiante neste trabalho.

5. MEMES: ENTRE ALUNOS E PROFESSOR

Como já dito, o objetivo desta pesquisa foi observar se os *memes* se fazem presentes nas interações orais dos alunos no contexto de sala de aula, visto que, como já comentamos anteriormente, é esse o espaço em que os jovens passam grande parte do tempo, além de ser um local que é, também, marcado pelo diálogo.

Consideramos o foco central para a coleta de dados a interação efetuada na sala de aula entre professora e alunos, e alunos entre si. Observe-se que, apesar de os dados evidenciarem mais as trocas entre alunos, não podemos desconsiderar a presença da professora, primeiro porque ela faz parte do processo de interação (ou de ensino e aprendizagem) e, segundo, porque como qualquer sujeito, o professor também se utiliza de recursos linguístico-discursivos para se comunicar, podendo, assim, ser afetado pelo discurso das mídias sociais.

Nesse sentido, é considerável abrir um parêntese para percebermos que esses *memes* também são possíveis de aparecer na fala da professora como foi pontuado acima e como poderemos comprovar com o contexto situacional descrito abaixo:

Situação 1:

Os alunos estavam fazendo prova. Depois de um dado momento a professora percebe um dos alunos tentando “pescar” e fala:

-Pesca para você ver se eu não sambo na sua cara essa prova.⁵

A expressão “sambo na sua cara”, está relacionada ao *meme* “Sambar na cara da sociedade”, que foi uma expressão utilizada por uma personagem em uma novela transmitida em 2012, em canal aberto, no horário nobre. Essa expressão se popularizou entre os mais diversos grupos de falantes e, possivelmente, de modo mais intenso entre os jovens, visto que o “samba” saltou da televisão para as redes sociais e delas para os mais diversos contextos sócio-interacionais.

É válido ressaltar que a disseminação desse *meme* ficou por conta dos internautas que não economizaram na criatividade. Inclusive, é importante considerar, também,

⁵ Todas as produções correspondentes a dados de pesquisa são apresentadas na forma em que foram concebidas.

que, após visitar *blogs* e sites para se estabelecer categorias de análise da pesquisa, constatamos que houve até quem criasse *play listes* em *blogs* com músicas para “sambar na cara da sociedade”, além de *fanpages*, eventos em redes sociais e imagens que faziam alusão à expressão. Observemos abaixo:



(Figura 2: Exemplo de blog que criou *playlist* para “sambar na cara da sociedade”. Fonte: Janela Singular)



(Figura 3: Exemplo de evento criado em rede social para “sambar na cara da sociedade”. Fonte: Eventos do Facebook)



(Figura 4: Exemplo de imagem que faz alusão à expressão “sambar na cara da sociedade”. Fonte: geradormemes.com)

Diante disso, quando paramos para analisar, percebemos o leque de reflexos que os *memes* traduzem na sociedade, de modo particular entre os jovens que, em sua maioria, para se sentirem pertencentes a determinados grupos, inclusive no contexto escolar, que é o local em que eles passam grande parte do tempo e naturalmente geram vínculos, acabam se utilizando de alguns recursos discursivos e até “vestimentais” e comportamentais para se sentirem incluídos, como poderemos observar no quadro abaixo.

Situação 2: Entrevista com os alunos 1 e 2

Entrevistadora: Falem como foi a aula ontem. Aconteceu algo interessante, o que marcou vocês na aula?

Aluna - Marília⁶: Foi que ontem na aula de português era pra você se juntar com a pessoa que você mais se identificasse, aí o Felipe se juntou com a minha amiga e ela colocou na descrição dele que ele “sambava na cara da sociedade”, porque ele discute com o povo e diz que “vai sambar na cara”, que ele vai botar pra baixo, sabe? Ele gosta muito de fazer barraco, viu?

Aluno - Felipe: Mas eu discordo do que vocês estão falando (risos); é que se são meus inimigos, eu tenho que destruir a reca mesmo. Eu acho que é tudo recalcado. (Risos)

⁶ Para preservar a identidade dos alunos, os nomes utilizados são fictícios.

Nessa conjuntura, fazendo um contraponto entre os dois contextos supracitados (situação 1 e 2), dentro de um viés linguístico-discursivo, e seguindo a perspectiva teórica proposta por Bakhtin/Volochinov (2014), os quais defendem a ideia de que toda palavra comporta duas faces, sendo determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém, constituindo, justamente, o produto da interação do locutor e do ouvinte, podemos conjecturar que a professora se utilizou desse *meme* como uma forma de aproximar a linguagem dela à linguagem do aluno; afinal, de acordo com Bakhtin (2011, p. 302), ao falar, sempre levamos em conta a percepção do nosso discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levamos em conta as suas simpatias e antipatias, uma vez que tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do nosso enunciado pelo ouvinte.

Em outras palavras, podemos dizer que, mesmo sem se dar conta, a professora utilizou o *meme* porque já havia percebido que ele fazia parte do repertório discursivo dos alunos. Vale salientar que ao repetir a expressão para se dirigir aos alunos, a professora legitima, “autoriza” o *meme* na sala de aula. Além disso, outra interpretação que fica subentendida é que ela pressupõe que essa forma de se expressar levaria os alunos a achar engraçado e ao mesmo tempo compreender que não podiam “pescar”.

Sobre essa questão da compreensão, é válido que nos reportemos ao conceito de compreensão responsiva-ativa proposto por Bakhtin (2011, p.271). Segundo ele:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente desde a primeira palavra do falante.

Esse conceito ainda é estendido por Zozzoli (2012), a qual propõe a noção de *produção responsiva ativa*, definida segundo ela como a continuidade da atitude responsiva ativa. De acordo com a autora:

A produção se inicia na compreensão e se desenvolve para além de um novo texto produzido, considerado, dessa forma, não como produto, mas como parte de um processo que se estabelece na interação verbal e não verbal e que não se conclui na materialidade dos textos. (Zozzoli, 2012, p. 263)

Nesse sentido, podemos considerar que as produções responsivas ativas da professora e dos alunos se concretizam primeiramente ao reutilizar o *meme* “sambar na cara”, em novas produções, dentro de novos propósitos discursivos. Além disso, todas produções responsivas ativas, inclusive as subsequentes, após o uso do *meme*, através

de ações (por exemplo, os alunos pararem de “pescar”) indicam a compreensão responsiva ativa que esteve na raiz de todo o processo: compreendeu-se o valor social da expressão e o interesse de reproduzi-la naqueles determinados momentos, mesmo que essa compreensão e a “vontade discursiva” (BAKHTIN, 2011) que estão na base da produção se deem às vezes, como acreditamos que é o caso dos exemplos analisados, até de forma não explicitada, conforme diz o autor já citado (BAKHTIN, 2011).

Vale ressaltar que, apesar de ter sido o mais utilizado no repertório discursivo dos alunos, o “sambar na cara da sociedade” não foi o único *meme* identificado durante o período de observação. Vejamos a situação abaixo:

Situação 3:

Durante a aula, os alunos perguntavam à professora se haveria aula na primeira segunda após as provas do Enem.

Professora: Não, meu filho, pelo menos os 3º anos não vai ter.

Maria: Não é justo, professora, a gente também vai fazer prova.

Professora: Realmente, vocês vão passar o final de semana estudando. Falem com a coordenação.

Lucas: Se tiver aula na segunda eu venho armado e meto bala na professora. (risos)

Professora: Tudo bem, meu filho, pode meter. Hoje em dia é o que mais acontece nas escolas. (Risos)

Suely: Pode não, professora, a gente já vai ter aula à tarde. Precisamos descansar pela manhã.

Professora: Concordo plenamente e vou protestar. Segunda-feira não venho, não vou dar aula e pronto. Eu protesto.

Após essa fala da professora, embora dita em tom de descontração, os alunos se manifestam.

Natália: Arrasou, professora!!!

Os outros alunos vibram e aplaudem.

Lívia: Uhuu, gata, arrasou!!!

Tamyres: Arrasou, arrasou!!

Aline: É, arrasou, gata!!

Como se pode observar nessa situação, identificamos outros *memes* como: “arrasou” que é um exemplo das muitas expressões que se viralizam na internet e que muitas vezes não sabemos ao certo suas origens. Por não advirem de músicas, propagandas ou personagens de novelas, por exemplo, em determinados momentos são lançadas nos ciberespaços “por alguém”, ganham vasta proporção e acabam fugindo do nosso controle no que diz respeito ao criador.

Nas imagens abaixo, poderemos observar a expressão “arrasou” combinada a outras expressões e empregada em situações distintas.



Figura 5: Exemplo do *meme* “arrasou” materializado nos ciberespaços. Fonte: Memecrunch.



Figura 6: Exemplo do *meme* “arrasou” materializado nos ciberespaços. Fonte: Topsy.one

Ainda nesse contexto é válido ressaltar que apesar de os *memes*, na maioria das vezes, ganharem forma nos ambientes virtuais, não podemos afirmar que eles se originam sempre nesses espaços. Até porque, pela própria dinamicidade da língua, é quase impossível detectarmos onde eles efetivamente nascem. Como já dito, é algo que foge do nosso controle. Inclusive, Ltzko-Toth e Proux (2013) consideram que uma das

cinco propriedades da informação na internet é a “inverificabilidade”, ou seja, a impossibilidade prática de identificar os autores das contribuições de maneira confiável.⁷ Nesse sentido, o que sabemos, então, é que esses *memes* advêm de algum discurso, porém, no tocante à repercussão, ela pode se dar por meio dos ciberespaços, ou pode ganhar maiores proporções apenas por passar a fazer parte do projeto discursivo (BAKHTIN, 2011) de vários grupos de pessoas.

Por estarmos tratando do contexto de sala de aula, não podemos deixar de refletir sobre esses *memes* dentro do processo de ensino-aprendizagem. Pensando em uma proposta de ensino que alie a teoria às práticas sociais, a presença desses *memes* nas falas dos alunos poderia servir como um fio condutor para se trabalhar a oralidade em sala de aula, visto que essa é uma questão que muitas vezes tem sido deixada de lado no âmbito escolar talvez porque se desenhe a ingênua ideia de que trabalhar a oralidade é “ensinar o aluno a falar” ou simplesmente porque se acredita que pedir para o aluno comentar com o colega sobre determinado assunto já seja um trabalho efetivo com a oralidade.

Um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar, nem simplesmente propor apenas que o aluno “converse com o colega” a respeito de um assunto qualquer. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral. (CAVALCANTE E MELO, 2010, p. 183)

Nesse sentido, os *memes* dariam margem para se discutir o uso da língua nos mais diversos contextos levando os alunos a refletirem em quais situações de interação oral é conveniente falar algumas dessas expressões. Por exemplo, em uma situação que exija o uso mais formal da língua, como uma entrevista de emprego, certamente não caberia o uso de determinados *memes*, ao contrário de uma conversa entre amigos, a qual é caracterizada por contextos mais informais e espontâneos.

Além disso, a partir dessas expressões caberia ainda uma discussão sobre o Preconceito Linguístico⁸, uma vez que, a depender da formação cultural do sujeito, há quem insira determinados *memes* no campo do desprestígio associando-os à classe social de quem o utiliza.

Nessa conjuntura, consideramos que o trabalho com essas questões é muito importante para que o aluno passe a reportar o olhar tanto para a forma como ele deve

⁷ Paráfrase com tradução de Rita Zozzoli.

⁸ O termo Preconceito Linguístico diz respeito ao preconceito frente a determinadas variações linguísticas e formas de utilização da língua. Sobre esse aspecto, Roncarati (2008) afirma que a noção de prestígio linguístico está associada à noção da identidade social, ao orgulho linguístico, à pertinência a uma dada classe social ou comunidade de fala.

projetar seu discurso a depender do contexto situacional, quanto para a questão do respeito que se deve ter frente às mais diversas maneiras de utilização da língua. Vale ressaltar, por fim, que em algumas situações o preconceito parte do professor, nesse sentido, cabe a ele conhecer melhor o fenômeno para que possa desenvolver um trabalho levando em conta esses conhecimentos sem se contrariar com as próprias atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi exposto neste trabalho, o passar dos tempos, as mídias e o mundo virtual, de modo mais específico, vêm conquistando uma dimensão significativa em nossa sociedade. Os *memes*, que ganham vida justamente nesses espaços, estão sendo lançados com mais intensidade e os jovens têm aderido cada vez mais a essas expressões. Nesse sentido, a partir dos contextos interacionais discursivos analisados é possível percebermos que os *memes* saltam das redes sociais para o discurso dos jovens, e, que pelo que foi observado, as expressões são integradas às falas de uma forma muito natural. É útil esclarecer, entretanto, que na situação analisada os *memes* utilizados advieram dos espaços midiáticos, porém é possível que em outros trabalhos com foco específico nos *memes* possam ser evidenciados casos em que essas expressões tenham origens sociais diversas.

É válido reiterar, também, que nas situações extraclasse elas apareceram com muito mais evidência, visto que nas práticas discursivas informais -conversas paralelas- os jovens querem se sentir pertencentes a determinados grupos e, no campo da linguagem, o *meme* acaba servindo como uma ponte de aproximação já que, na sociedade atual, imitar o que está em evidência é prestígio, é a garantia da aceitação, e, assim, os jovens acabam partilhando do mesmo vocabulário, manias, vestimentas, gosto musical, livros, etc.

Já no que se refere à professora, notamos que a provável convivência com os alunos fez com que ela também acabasse se utilizando das expressões; afinal, o *meme* utilizado por ela, foi o mesmo que já vinha sido citado pelos alunos.

É importante considerar que esses dados fazem referência a apenas uma turma e que talvez em outra situação de observação obtivéssemos resultados diferentes. Elementos como perfil da turma e fatores externos, como: local onde a escola se situa e a acessibilidade de todos os alunos às redes sociais poderiam interferir na qualidade dos dados. Diante disso, outra possibilidade de interpretação nos levaria a pensar que, se a turma fosse composta por alunos que não tivessem contato com a mídia e com os ciberespaços, os *memes*, talvez, não tivessem sido tão presentes.

Por fim, é importante salientar que de todas as formas os *memes* acabaram se tornando parte do nosso vocabulário cultural e isso de certa forma marca o momento atual da nossa língua, uma vez que ela se caracteriza justamente por sua dinamicidade. Por essa razão, seria importante que a escola buscasse considerar esse fenômeno,

procurando melhor compreendê-lo e integrá-lo no processo de ensino e aprendizagem. Até porque, seria essa uma forma dos professores despertarem nos alunos um olhar teórico-reflexivo sobre algo que eles efetivamente vivem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (V.N.Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16ª. ed São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal. Tradução: Paulo Bezerra. 6.ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. 4ª.ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BBC BRASIL. **Gene ligado a doença de Stephen Hawking é descoberto graças a desafio do balde de gelo**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36907648>. Acesso em: novembro de 2016

BEZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONISIO, Angela Paiva; HHOFFNAGEL, Judith Chambliss. [org]. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BLACKMORE, Susan. **Susan Blackmore sobre memes e “temes”**. Disponível em: http://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes/transcript?language=pt-br. Acesso em: Novembro de 2014.

CAVALCANTE, M. C. B. E MELO, C. T. V., **Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática**. São Paulo, 2010.

CETIC. **CGL.br divulga pesquisa mostrando que 82% do público jovem faz uso da Internet pelo telefone celular**. Disponível em: <http://www.cetic.br/noticia/cgi-br-divulga-pesquisa-mostrando-que-82-do-publico-jovem-faz-uso-da-internet-pelo-telefone-celular/>. Acesso em: outubro de 2016.

FACEBOOK. **Evento para “sambar na cara da sociedade”**. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/347319142126565/>. Acesso em outubro de 2016

DAWKINS, Richard. Memes: os novos replicadores. In: DAWKINS, Richard . **O gene egoísta**. Companhia da Letras, 1976.

G1 GLOBO. **Gene ligado à ELA é descoberto graças ao desafio do balde de gelo**. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/07/estudo-viabilizado-pelo-desafio-do-balde-de-gelo-descobre-gene-da-ela.html>. Acesso em: novembro de 2016.

GERADOR MEMES.COM. **Sambar na cara da sociedade**. Disponível em: <http://geradormemes.com/meme/k5r753>. Acesso em outubro de 2016

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. 2ª.ed., Porto Alegre: Penso, 2012.

JANELA SINGULAR. **Playlist para sambar na cara da sociedade**. Disponível em: <http://www.janelasingular.com.br/2015/02/10-musicas-para-sambar-na-cara-da.html>. Acesso em outubro de 2016.

LISBOA, Loraine Vidigal **Memes jurisprudenciais no facebook do STJ: a constituição dialógica de um gênero verbo-visual** (2015) disponível em: https://mestrado_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/DISSERTA%C3%87%C3%83O_VERS%C3%83O_FINAL__Loraine.pdf. Acesso em: dezembro de 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEMECRUNCH. **Arrasou amiga**. Disponível em: <https://memecrunch.com/meme/40ZY1/arrasou-amiga>. Acesso em outubro de 2016.

MOITA- LOPES, Luiz Paulo. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Editora: Parábola, 2013.

OCOALA.COM. **Para nossa alegria**. Disponível em: <http://epsub.blogspot.com.br/2012/03/mais-um-meme-para-nossa-alegria.html>. Acesso em dezembro de 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

RONCARATI, Cláudia. **Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário**. In: Cadernos de Letras da UFF n.36, p. 45-56, 1. sem. 2008.

PASSOS, Marcos Vinícius Ferreira. **O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais (2012)**. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume_2_artigo_204.pdf. Acesso em: dezembro de 2016.

TOPSY.ONE. **Arrasou gata**. Disponível em: <http://topsy.one/hashtag.php?q=%23Arrasou>. Acesso em: outubro de 2016

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. **Bakhtiniana**. São Paulo, p. 253-269, Jan./Jun. 2012.